

DOI: <https://doi.org/10.30612/frh.v27i49.17640>

**WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. São Paulo: Autêntica, 2022.**

**Kleire Anny Pires de Souza**  
Doutoranda em História pela UDESC  
kleire@lcloud.com  
<https://orcid.org/0000-0002-3939-9173>

Monique Wittig (1935-2003), filósofa, teórica feminista, lésbica, poetisa — e outros vários adjetivos que seriam poucos para defini-la — foi uma das figuras mais centrais para o desenvolvimento do que se popularizou como a teoria do movimento lésbico feminista. Seus livros, de nomes marcantes, levam a essência de sua luta; a maioria escritos em língua francesa: *L'Opoponax* (1964), *Les Guérillères* (1969), *Le Corps Lesbien* (1973), *Broillon pour un dictionnaire des amantes* (1976), *Virgile non* (1985), *The Straight Mind and Other Essays* (1992), *Paris-la-Politique* (1999), *La Pensée Straight* (2001), *Le Chantier littéraire* (2010). Alguns exemplares traduzidos no Brasil, como *As Guerrilheiras* (2020), pela editora Ubu, *O Corpo Lésbico* (2019) e o mais recente, a ser resenhado aqui: *O Pensamento Hétero: E outros ensaios* (2022), publicado pela editora Autêntica.

Doutora em Ciências Sociais e uma das contribuintes mais importantes para o movimento de libertação das mulheres, Wittig, nascida na França, ficou famosa pelos seus textos que se concentraram desde o começo em abordar a realidade das lésbicas, não só a partir da tessitura de importantes discussões dentro dos eixos do feminismo, materialidade e lesbianismo. A edição brasileira, com prefácio de Adriana Azevedo e Louise Turcotte, abre a obra de maneira esplendorosa ao destacar pontos importantes do pensamento da autora.

O livro é uma coletânea de artigos e ensaios publicados, em 1992, na edição original em inglês, com o título "*The Straight Mind and Other Essays*" (1992). O exemplar é dividido em nove capítulos, além da apresentação de dois prefácios: o da obra original e o da edição brasileira. Por que resenhar esta obra? Porque Wittig é uma potência para lésbicas, assim como é para mim e muitas outras jovens ao redor de todo o globo. A potência de Wittig pode ser traduzida a partir de uma bela carta anônima disponível digitalmente escrita para a Radio France. Afinal, Monique foi uma revolução não só pelo seu pensamento, mas por sua pessoa;

Ce matin, lettre à une écrivaine lesbienne qui a bousculé les genres et les ignorances, révolutionné les regards et repoétisé la sexualité en repartant de zéro — Une amie m'a récemment confié qu'à 16 ans, elle pensait que seuls les hommes pouvaient s'aimer entre eux. Elle les enviait. Et puis on lui a dit : "Mais les femmes aussi peuvent s'aimer entre elles. C'est les "lesbiennes"". "Lesbienne !" : tout à

coup un monde nouveau s'ouvrait à elle. C'était il y a 20 ans !  
(Radiofrance, 2022)<sup>1</sup>

Poderíamos elencar diversos pontos de sua vasta capacidade intelectual, ou de seu fantástico uso das palavras para a construção de romances, mas isso ainda seria pouco para descrever como uma lésbica pode dar voz a tanto sofrimento e opressão que, por muito tempo, foram velados pela norma patriarcal. Assim como na carta que afirma que “ela pensou que só os homens podiam amar”<sup>2</sup> — e assim pronunciou para a amiga de 16 anos que, para isso, tínhamos até um nome: “lésbica” —, esse trecho da carta é importante ao traduzir bem o que podemos esperar encontrar na obra *O Pensamento Hétero* (2022), justamente porque seus ensaios e artigos circulam ao redor dessa temática de que mulheres podem amar entre si e que, mesmo que a norma patriarcal tente, por meio do discurso, da linguagem, dos símbolos e signos, destruir essa potência, lá estarão as lésbicas para lembrar-nos de que o amor é muito mais do que um desejo; ele é a potência transformadora que pode humanizar e libertar da opressão material das mulheres perante a heterossexualidade.

E porque é no uso do discurso e dos símbolos que o pensamento hétero é construído e reproduzido, Wittig reitera que o uso de “La Pensée straight” ecoam do pensamento de Lévi-Strauss com “*O Pensamento Selvagem*”, e que esse conceito reproduz toda a disciplina, as teorias e ideias atual a qual ela escolheu nomear o “pensamento hétero”.

O livro apresenta um verdadeiro trabalho científico e ético ao construir diálogos e destrinchar pontos teóricos consolidados na voz de homens bastante relevantes, como no caso de grandes filósofos. Principalmente, para consolidar a ideia de heterossexualidade enquanto um “contrato” forjado para a manutenção do poder patriarcal. Wittig correlaciona a teoria do “contrato social”, de Rousseau, ao

---

<sup>1</sup> Esta manhã, uma carta para uma escritora lésbica que sacudiu os gêneros e as ignorâncias, revolucionou os olhares e poetizou novamente a sexualidade a partir do zero - Uma amiga recentemente me confessou que aos 16 anos achava que apenas os homens podiam se amar entre si. Ela os invejava. E então disseram a ela: "Mas as mulheres também podem se amar entre si. São as "lésbicas"." "Lésbica!" - de repente, um mundo novo se abriu para ela. Isso foi há 20 anos! (Radiofrance, 2022)

<sup>2</sup> Tradução nossa.

afirmar que a heterossexualidade é o ponto central desse contrato para mulheres. A heterossexualidade é o próprio contrato social; afinal, é a partir dela que temos a construção do regime político que é a heterossexualidade e que projeta seus símbolos, como a oposição mulher x homem.

Essa lógica de dualidade e necessidade de um para o outro é também reflexo da máxima do livro: *“Lésbicas não são mulheres”*. A constatação não é uma negação biológica, mas, sim, uma negação política. A posição da lésbica, nessa constatação, é justamente de resistente, de negação. Afinal, nessa operação reflexiva, a “lésbica” não é uma mulher justamente porque ela recusa o contrato social, este que, por sua vez, é heterossexual. A lésbica é muito além de uma sexualidade, nessa colocação de Wittig; é um posicionamento político. Logo, a lésbica não estaria dentro dessa lógica: ela é o rompimento dessa representação, ela é o “antinatural”, pois está aquém da realidade sistêmica patriarcal. Tornando-as fora do controle masculino, não pertencente a eles, de nenhuma forma, sua submissão é inexistente (Wittig, 1992, p.12-13)

Wittig constrói a consideração de que a “mulher” — e tudo que constitui a lógica de sexo x gênero — é posta em questão. Para a autora, a “mulher” e o “gênero” só existem dentro da lógica do contrato social que compõe a heterossexualidade. Afinal, essa dualidade é uma constatação do próprio contrato. A ideia da mulher, enquanto biológica e até mesmo material, é uma concepção forjada dentro dos parâmetros “heterossexuais”. Ou seja, para que a “mulher” exista, o “homem” deve existir. A “mulher” é o do outro parâmetro primordial, que é o pátrio poder e sua construção em relação ao “contrato”. Logo, a lésbica não é uma mulher porque não há manutenção desse contrato, mas, sim, uma negativa, visto que é o rompimento das barreiras de “oposto complementar” para apenas “existência”, deixando de ter necessidade do outro para existir, sendo por si só um conjunto.

Rompendo a máxima *“Homo sum: humani nihil a me alienum puto”*, citada por Wittig no início do seu ensaio *“Homo Sum”*. Afinal, a ideia de sexo x gênero é totalmente forjada na lógica da ciência posta dentro desse contrato social, construindo, assim, seus símbolos, signos, representações e significações, em que a definição é sempre a partir do modelo ideal: o homem universal. A frase evoca a ideia

associativa de que homem é o universal, o humano que representa a todos; tudo se forja a partir de si e de sua existência. Aquele que não é homem é o “resto”, o “outro”, ou, como bem chamou a teórica francesa Simone de Beauvoir, “o segundo sexo”. Para a autora, “ser lésbica é estar nas fronteiras do humano (humanidade), representando, historicamente e paradoxalmente, o ponto de vista mais humano” (Witting, 2022, p.85). É criar uma nova perspectiva de existir, de se colocar no mundo social; é uma saída radical dessa materialidade. Logo, para além de romper com a heterossexualidade, a lésbica é também uma esperança de um novo futuro, de uma forma diferente de conceber tudo que está posto no social.

O trabalho de Wittig não é só uma crítica estrutural a todo modelo vigente das sociedades ocidentais e patriarcais, mas sim um verdadeiro diálogo científico com outras pensadoras que ajudam a tecer toda sua visão epistemológica de crítica a lógica postulada de feminino e masculino. O contexto francês de formação dos textos e dos diálogos da autora se deu a partir da formação da revista francesa *Questions Féministes*. A revista possuía grande influência no meio feminista, como uma verdadeira referência. Os artigos e ensaios que compõem o livro, em grande parte, foram publicados nesse contexto. Como em sua primeira publicação, que chocaria não só suas colegas intelectuais, mas todo o pensamento feminista francês. Disruptivo, o texto traz uma máxima: “n'e se pas une femme”<sup>3</sup>. Rememorando a máxima existencialista de que o social é que nos forja — não temos de forma alguma determinismos biológicos —, é no social que nossas identidades são forjadas: nossas representações de nós e dos outros, nossas opressões. Logo, a recusa da categoria ‘mulher’ não significaria, portanto, o tornar-se homem; pelo contrário, é a máxima negação de toda realidade que forja essas identidades que são codependentes. Pois, o tornar-se homem exige que a visão de mundo seja a da inferioridade e submissão da mulher.

Essa ideia de construção do binarismo, para Wittig, vincula-se a linguagem e ao discurso. Segundo a autora, “os discursos que oprimem particularmente a todos nós, lésbicas, mulheres e homens homossexuais, são os que pressupõem que o fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade” (Wittig,

---

<sup>3</sup> Não se nasce mulher.

2022, p.59). A autora apresenta toda sua justificativa ao redor dos símbolos e discursos, afirmando que é na reprodução do discurso heterossexual que há a opressão que impedem esses oprimidos de falar, — e, se quiserem fazê-lo, devem utilizar a linguagem dominante para serem ouvidos. Apenas se houver negação dessa reprodução por parte de quem é oprimido por essa lógica, essa seria uma das saídas possíveis. Assim, como a lésbica não é uma mulher, o gay também não seria homem, pois, os conceitos “homem” e “mulher” pertencem ao pensamento hétero. Seria, portanto, uma forma de construir outra ordem de materialidade, linguagem e símbolos. É nesse romper que poderiam surgir as oportunidades de tirar o homem do seu local de “universal”, tirando até mesmo a projeção inconsciente da sua autoridade.

O livro que reúne seus principais ensaios é uma verdadeira riqueza teórica para o pensamento feminista e lésbico, sendo importantíssimo sua tradução para o português, podendo proporcionar não só o acesso a teses que contestam boa parte da realidade social opressora das mulheres e das lésbicas no ocidente. É uma forma de questionar o chamado pensamento hétero, que é o produtor das diferenças entre os sexos; é a construção do dogma político e científico que circula ao redor desse binarismo opressivo, que não vê a lésbica, pois essa está aquém da suas categorias e ignora sua materialidade e existência, projetando assim verdades dogmáticas da realidade, passando a ser homogeneizador; universal apenas o homem: “o pensamento hetero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos” (Wittig, 1992, p.3).

Dessa forma, a construção dessa diferença é uma forma de reforçar as opressões, pois é nela que temos a construção de modelos ideais: a “mulher” é frágil, cuida do lar, da família, casa-se com o homem, cuida, materna. O “homem” é viril, provedor, inteligente. Reduzindo assim toda a lógica da sociedade aos papéis sexuais como determinantes, não há outra forma de ser ou se construir socialmente além dessa “verdade” posta, sendo principalmente difícil para as mulheres, afinal, sempre estarem amarradas à ideia da inferioridade, do não acesso, do vínculo permanente ao lar, ao cuidado e aos homens.

Para além disso, o uso da linguagem que reproduz o sujeito universal “homem” e o faz protagonista de toda a história humana, negligenciando muitas vezes outros sujeitos, faz com que a crítica a essa noção por parte da autora, vá muito além da questão individual, pois apresenta que esses símbolos também são traduzidos em exclusão, negligência e opressões que se traduzem para além da linguagem, desperta a reprodução de noções que dissipam violência como no caso das lésbicas e gays. Wittig nos convida a pensar fora dessa realidade, assim como criticá-la. O livro, agora traduzido no Brasil — *O pensamento hétero* (2022) — é um verdadeiro suspiro para as críticas aos determinismos e as lógicas patriarcais postas como questões inquestionáveis a respeito das organizações humanas no ocidente.

## Referências

RADIOFRANCE. Lettre à Monique Wittig qui a permis aux filles de savoir qu’elles pouvaient s’aimer entre elles et rêver. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceinter/podcasts/en-toute-subjectivite/en-toute-subjectivite-du-vendredi-20-mai-2022-7760200>

WITTIG, Monique. *O Pensamento Hetero*. 1980.

WITTIG, Monique. *O Pensamento Hétero*. Autêntica. 2022.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992